

O ABISMO DO INSTANTE: TEMPORALIZAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA INSTANTANEIDADE

THE ABYSS OF THE INSTANT: A PHENOMENOLOGICAL TEMPORALIZATION OF INSTANTANEITY

 <https://doi.org/10.63330/armv2n8-010>

Submetido em: 20/08/2026 e Publicado em: 27/08/2026

ARM: e262177

Caio César Costa Santos

Doutor em Psicanálise

Instituto Gaio de Ensino Superior

E-mail: cesarinmind@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1821436310106545>

Resumo

Este ensaio que apresento tem um caráter original. No interior de uma lógica dialética fenomênica, será descrito o processo abstrato de como um instante se constitui. O autor penetrou o máximo que pôde na profunda interioridade do instante a ponto de revelar ao leitor desconhecido o seu abismo. Nosso objetivo é descrever dialeticamente e fenomenologicamente o que há de interno em um instante. Nossos resultados confirmam o que Bachelard (2010) nos disse: o instante estar mesmo suspenso entre dois nada.

Palavras-chave: Abismo; Instante; Nada.

Abstract

This essay that I present has an original character. Within a phenomenal dialectical logic, will be described the abstract process of how an instant is constituted. The author penetrated as much as he could into the profound interiority of the instant, to the point of revealing its abyss to the unknown reader. Our aim is to describe dialectically and phenomenologically what is internal in an instant. Our results confirm what Bachelard (2010) told us: the instant really is suspended between two nothings.

Keywords: Abyss; Instant; Nothing.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Gaston Bachelard (2010, p.15): “o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nada. Do delicado ponto suspenso entre dois nada, eis que surge o instante. Talvez pudéssemos



chamar isto de “a solidão do instante”. É como se entre estes dois nada concentrasse um intervalo do tempo. O tempo, Mestre dos mestres, fixa todos os tempos do Tempo em um único ponto, o intervalo incomensurável. Parece que o mundo e os mundos concentram toda a sua imensidão em um único ponto. Parece que neste ínfimo instante todas as partículas de todos os infinitos mundos se introjetam num único intervalo de tempo, como se um só instante carregasse toda a extensão e toda a intensidade dos mundos. Como se os dois nada que estão entre impulsionassem misteriosamente com um impulso para frente. *Este é o espírito do instante*. Os “nada entre” a um instante atrás não eram nada, mas também instantes. É por isso que podemos dizer que o instante retroalimenta-se de nada, de dois nada, o nada anterior e o nada posterior. O instante é o único eixo concêntrico que é o presente que está entre o instante presente anterior, o primeiro nada e o instante presente posterior, o segundo nada. É como se fossem duas mãos, a da direita e a da esquerda dando impulso a uma terceira mão misteriosa que é o instante que a tudo capta com seus membros invisíveis. Torna-se preciso a existência destes dois nada para a efetuação do instante no espaço.

Não é o caso em que os dois nada se movem, não! Eles permanecem no mesmo estado absoluto de ser um nada. O caso é contrário: é o instante que arrasta e move os dois nada. Visualmente, é como se fosse um cadeirante (o instante) empurrando as duas rodas da cadeira de rodas (os dois nada). Apesar de um exemplo mecânico, foi a melhor maneira de exemplificar este estado. O que acontece é que a força centrípeta do instante faz mover invisivelmente os dois nada neste processo infinito de recuo e avanço. Dito de outra maneira, é como se os dois nada fossem duas sombras, a do passado à direita e a do futuro à esquerda e o instante fosse a única luz ou ponto-luz que transforma a síntese passiva dos dois nada em uma síntese ativa. Um bela metáfora do voo da borboleta caberia aqui. Suas duas asas são representativamente os dois nada e o sustentáculo do corpo que mantém fixa e ativa sua consciência é o instante. Ao passo que a borboleta bate as asas, tudo isto é ocasionado pelo movimento invisível da consciência do instante presente. Não é necessariamente a vontade da borboleta que produz o bater de asas, mas a força poderosa do instante que junto à consciência corporal da borboleta move o seu espaço e o seu tempo. O instante neste caso é anterior a qualquer ato consciente ou anterior até à própria consciência. O instante é a bela oportunidade doada pelo Universo para que o acontecimento ocorra.

2 O INSTANTE

Logo, o instante é a força, enquanto que os dois nada são a energia no início ainda latente até que o próprio instante desperte neles dois a energia necessária ou o impulso vital necessário para que a efetuação do instante no espaço ocorra. Despertar o instante ou alimentá-lo significa o mesmo que doar de si a energia vital dos dois nada. Por um lado, uma energia que é a do passado e, por outro lado, uma energia que é a do futuro. A força de recuo junto à força de avanço produzem a efetuação instantânea do instante. Dizer que o instante é instantâneo é dizer que ele estar suspenso entre dois nada e cujos nada é a força propulsora



de seu germe, germe que é o ponto-luz do instante. Para um instante aparecer, é preciso que o nada anterior e o nada posterior a este instante tenha concluído a sua passagem enquanto instante. Tudo é passageiro e, ao mesmo tempo, instantâneo. Cada partícula do instante unissem para compor uma porção de instante e cada porção de instante unissem para desenhar o corpo total e absoluto do instante. Quando um instante aparece, apareceu! Mas, no momento de vir a aparecer, há ao mesmo tempo o desaparecimento do instante anterior e do instante posterior e a transformação destes instantes em dois nadas. No interior do intervalo entre dois nadas, há sempre um instante. A beleza ou o brilho de um instante surgiram da aparição instantânea das sombras de dois nadas. Para cada instante que se efetua, há em paralelo o intervalo entre duas sombras ou dois fantasmas. Estes dois fantasmas ou dois nadas arrastam infinitamente e eternamente o instante. A cada novo instante, há o desaparecimento do instante anterior que se transforma em dois nadas e no interior destes dois nadas surge invisivelmente o impulso necessário para a efetuação de um novo instante.

A instantaneidade do instante seria a própria aparição súbita destes dois nadas que em síntese se dar no instante. Instantanear o instante: este seria o propósito capital dos dois nadas, O Tempo é repleto de infinitos instantes e são estes instantes a força magnético-temporo-movente que torna o Tempo aquilo que ele é em sua essência. O essencial ou o fundamento do Tempo são os instantes. Logo, cada instante em si é um ponto-luz da consciência absoluta do Tempo. Se o tempo se desmembra ou se dissipa por ele mesmo ou dentro de nós mesmos, tudo isto é resultado da natureza movente dos instantes. Será que seria possível para a capacidade humana captar um instante em si? O que haveria no interior dele, em seu fundo mais abismal possível? O que de fato ocorre na lógica invisível dos instantes? Se for possível capturar um único instante, o que há de misterioso no interior dele? Estas são algumas das questões que iremos trabalhar neste ensaio.

Se os dois nadas estão suspensos no instante, então eles são o sustentáculo do instante. Neste sentido, é como se estes dois nadas não doassem de si, de sua essência, não apenas a energia de força necessária para criar o instante, mas, além disso, ele doasse a sua “estrutura”. Porque, claro, o impulso vital que é soprado destes dois nadas é arrancado deles próprios a ponto dos dois nadas se sacrificarem, doarem completamente a inteireza de sua existência para a produção do instante. Anteriormente a estes dois nadas, existiam mais infinitos nadas e infinitos instantes, sempre gerando a partir de dois nadas um novo instante. Mas, tudo está intrinsecamente conectado porque não existe instante sem nada, nem existe nada sem instante. Porém, acontece que supomos que o instante originário de todos os instantes existentes possivelmente tenha sido Deus que tenha soprado quando criou o Tempo. Porque antes de um instante só há o nada, mas para que existam os dois nadas, torna-se preciso que exista o instante porque, como vimos, os dois nadas são a retroalimentação do instante. É aquele impulso essencialmente para frente e para trás, a mão esquerda e a mão direita, metaforicamente falando. A dobra defasante originária do Tempo é



ocasionada substancialmente pelo intervalo ou interstício dos instantes. O instante transpassa todo tipo de matéria, concreta ou abstrata e, ao mesmo tempo, o instante está no interior daquele lapso de matéria, assim como está no interior de todo ato consciente ou lembrança. Subdivida infinitamente um ponto de uma coisa qualquer que esteja em qualquer lugar e lá está a interioridade do instante *se desfazendo* ou *se defasando* (Deleuze, 2005).

Ao passo que se desmembra o ponto de uma coisa qualquer, estar ao mesmo tempo desfazendo, dissipando e, ao mesmo tempo, reintrojetando os instantes. A tessitura do instante é tão abstrata e complexa que nenhum ser vivo, mesmo que consciente, consegue captar cada voluptuosidade do instante, cada passagem sua a outra passagem instantânea. O súbito ou o instantâneo é da ordem do instante. Aqueles dois nada e o instante estão tão ligados, tão entremeados, que um não sobrevive sem o outro. É preciso do nada, como também é preciso do instante. Não tem como um só instante, ou seja, a sua solidão súbita ficar completamente só, ele estar só porque não contamos com os dois nada. Mas, na verdade, a sua solidão existencial é somente uma ilusão. É preciso sim contar com os dois nada, pois eles dois são as instâncias aparentemente latentes ou vazias que são instantaneamente despertados pelo instante e convocados a sustentá-lo a ponto também de direcionar a intensidade qualitativa do instante. Só há intensidade no instante devido à existência, mesmo que aparentemente vazia, destes dois nada. Estes dois nada é uma ligadura invisível que apesar de estar sem conteúdo, possui ainda assim o registro temporo-episódico do instante anterior a partir dos quais doam de si a energia de intensidade necessária para a criação de um novo instante e assim *ad infinitum*. Assim como a luz vem da escuridão, até em termos esotéricos ou cósmicos, aqui não é diferente. Podemos dizer que o corpo-luz do instante é fabricado das duas sombras singulares dos dois nada. A sombra do recuo ou da anterioridade e a sombra do avanço ou da posterioridade. Assim como em nossa consciência coexistam passado, presente e futuro e suas devidas instâncias singulares, coexiste também no plano temporal da existência do instante tais instâncias. Só que, como vimos, a lógica existencial destas instâncias é outra. Embora também em nossa consciência estamos devidamente e conscientemente no presente e no passado assim como no futuro são apenas provisoriamente dois nada, porém dois nada conscientes em profunda efetuação também consciente.

A lógica temporo-espacial do ser humano é esta: estamos completamente fixados na presente instância, no presente absoluto, enquanto que o passado e o futuro não passam de dois nada. Porém, em nossa consciência temporal, eles são de algum modo necessários porque assim como na criação do instante presente, o passado e o futuro em nossa consciência são os agentes que promovem a manutenção de tal fixidez do presente na instância presente. Ao passo que passado e futuro mantêm o presente, eles também *prolongam* a vida temporal deste presente (Husserl, 2017). Tal prolongamento existencial é devido àquele impulso vital desencadeado destes dois nada temporais os quais descobrem na consciência viva do ser humano o “lugar” por onde se instalar. O passado não recua sozinho numa solidão absoluta, nem o futuro



se projeta também sozinho, torna-se preciso do presente para que a devida energia temporal esorra. O escoamento da energia dos dois nada, o passado e o futuro, fornecem substancialmente a passagem instantânea do instante presente. Assim como para tudo neste mundo terrestre coexiste uma sombra ou imagem fantasmal porque tudo, absolutamente tudo, é permeado pela estrela do Sol, o instante mesmo que invisível e abstrato por natureza não deixará de sobreviver nos mundos sem suas sombras. Os dois nada ou as duas sombras assustam qualitativamente o instante que, neste súbito assombro permeado de energias vitais, *reconduz* a passagem indestrutível dos instantes. Até cada Universo contém a sua Grande Sombra porque para tudo aquilo que há existência mesmo que física, há uma imagem idêntica daquele corpo, seja ele imenso ou atômico. Somos sombra e luz e tudo é sombra e luz (Boehme, 2003). Da escuridão dos dois nada em contato gera-se o corpo-luz do instante e deste corpo-luz a criação da interioridade do instante, bem como sua extensão apesar de invisível. Não vemos, mas o instante brilha, brilha porque ele tem que *animar* o espaço que é exterior a si. Animando este espaço, ele anima todas as temporalidades. Logicamente, o *animus* do instante é verdadeiramente os dois nada que eram o único instante. São três espécimes de coisas e só um é mais vivo, a saber, o instante.

Da fixidez do instante na atmosfera, tal fixidez também foi doada da energia vital dos dois nada. Um tipo de energia do nada que contém tanta energia, no caso temporal, que podemos dizer que ali se foi criado um campo ou uma estrutura de energia. No mínimo, *uma fisionomia de energia*. A anatomia da energia dos dois nada repletos de vitalidades temporais doa sua estrutura fantasmal de instantes ao instante novo e atual. Logo, *a atualidade dos instantes é a anterioridade dos dois nada*. No começo de tudo era um instante que produziu dois nada, mas depois desta ação originária, agora sempre são dois nada que produzem um instante e do instante dois nada e dos dois nada um novo instante e *assim ad infinitum*. A anterioridade dos dois nada em relação ao instante é de natureza porque o instante só ele mesmo não pode ter a força de energia necessária para produzir de si próprio unicamente um outro instante. Neste caso, aí poderíamos falar de um *abismo do instante*. Entrar cada vez mais na interioridade da mecânica ou dinâmica dos instantes chega a alucinar a mente porque a própria natureza dos instantes chega a ser *alucinatória* (Sartre, 2015). Em todos os espaços do Grande espaço de todas as coisas está acontecendo ininterruptamente a passagem instantânea dos instantes. Em termos lógicos, é praticamente impossível para a capacidade humana descrever detalhadamente cada passagem de um instante a outro de todas as passagens de instantes de todas as coisas no plano terrestre. Sabemos apenas que isto acontece e pronto! O universo sensorial ou da percepção do ser humano só é capaz de detectar alguns mínimos instantes que se passam, mas logo nossa consciência tem o hábito de ser ela própria devorada pela própria instantaneidade dos instantes. Só para termos uma ideia disto: ficamos um instante quietos, parados, e vemos por todos os lados, pontos e limites, os instantes passarem sem nenhuma interrupção. Mas, só ficamos atentos e conscientes a um só instante ou dois e no máximo três. Depois tudo é novamente devorado pelo abismo do instante.



O intervalo entre eles também é abstrato e complexo. Cada instante de infinitos e múltiplos instantes possui seus dois nadas. Seria o caso em dizer que são uma infinidade de nadas e uma infinidade de instantes, tudo isto escoando e se dissipando a um só tempo, a uma só temporalidade instantânea. Logicamente falando, o Tempo é fábrica de nadas e fábrica de instantes. Uma extensão de um instante foi a extensão dos dois nadas suspensos neste instante. O ser humano sente a passagem de um instante quando infinitos instantes estão passando ou já passaram e ainda vão passar. Vejam que o passado e o futuro estão aí. Ou seja, os dois nadas sempre estão presentes mesmo que cada um dentro de sua condição temporal específica: o nada do passado é do passado somente e o nada do futuro é do futuro tão somente. Cabe ainda dizer que à medida que um instante criado pelos dois nadas passa, fica introjetado substancialmente naquele instante o reflexo ou o fantasma dos dois nadas, é por isso que o instante encontra aí a sua retroalimentação necessária. O instante vai, passa, nunca fica, mas passa passando em sucessivas e infinitas e ininterruptas passagens, e o reflexo do tempo dos dois nadas ficam ali como que aterrorizando e ao mesmo tempo construindo as passagens dos instantes. O brilho do instante é projetado em imagem temporal pelo brilho sombrio dos dois nadas. É como se estes dois nadas fossem retrospectivamente a alma temporal anterior e a alma temporal posterior de um único instante. Pensamos também que tal solidão do instante é de algum modo sombria já que foi cocriada da dupla energia sombria e fantasmática dos dois nadas. A imagem espectral dos dois nadas sempre estará viva embora às vezes sombria no corpo-luz do instante que agora continua o seu processo de fazer passar sucessivas passagens instantâneas. Cada passagem de um único instante está intrinsecamente embutida uma solitária passagem fantasmal dos dois nadas. Há digamos uma solidão em cada nada. Cada nada vive sua solidão singularmente. Parece estranho, mas cada nada temporal também vive e sente o seu instante solitário.

A solidão do nada não se equipara à solidão do instante porque tal instante ainda tem como presença mesmo “ausente” e abstrata os dois nadas, embora a presença efetiva do instante só passa a ser possível e real a partir dos dois nadas. A solidão destes dois nadas é infinitamente maior porque tais nadas vivem apenas na sombra de si mesmo, numa sombra que ora é o fantasma do passado, ou seja, absolutamente retrospectivo, ora um fantasma do futuro que mesmo sendo sombra arrasta também em si o nada posterior. Nadas anterior e posterior são sombras que ainda que aparentemente próximos estão ao mesmo tempo essencialmente distantes porque o passado não é o futuro, nem o futuro é o passado. Mas, ambos de alguma forma estão interligados por uma ligadura temporal que é o presente do instante. A solidão dos dois nadas é muito mais terrível porque a única presença efetivamente viva, eles precisam criar ou produzir que é o instante. Como dizemos anteriormente, de duas sombras que se encontram acaba por se formar um corpúsculo de luz que é o instante, sendo agora assim, o instante passa a começar a iluminar os dois nadas que também o produziram. A solidão terrificante dos dois nadas acaba logo que ela entra em contato com a presença viva e iluminada do instante. Tal instante absorve o campo sombrio e fantasmático dos dois nadas



porque obviamente o instante precisa do germe anterior que foi o instante anterior a este instante novo e atual. Um germe que era também instante depois do encontro com dois nada anteriores e deste instante anterior um outro instante ainda mais anterior só que também criado a partir de dois nada também mais anteriores. Não seria o caso de dizer que o instante passa partindo-se de seu absoluto recuo, não! Isto foi somente para testemunhar a lógica da anterioridade das instantaneidades do instante.

3 A INSTANTANEIDADE DO INSTANTE

O instantâneo do instante se encontra justamente nesta ligadura indissociável destes três elementos ou espécimes temporais: o nada anterior e o nada posterior e o instante. Eles estão ligados intrinsecamente, não tem como desmembrá-los porque os seus próprios membros temporais pertencem ao outro e tais membros do outro pertencem a eles mesmos também. Tal ligadura é provocada pela energia vital temporal constituída pela própria organicidade modo-temporal e abstrata dos elementos nada e instante. A força do instante só se torna possível pela força dos dois nada. Eles arrastam tal instante através do escoamento da energia vital no interior de si. Suas interioridades não contêm nenhum tipo de substância que seja da ordem material, ou seja, toda a sua organicidade modo-temporal só faz passar de abstração em abstração (Hegel, 2016). O encontro dos nada com o instante se constitui essencialmente de abstrações no nível elevadíssimo do Tempo. Tal Tempo escoar porque os instantes escoam. A maquinagem interior do Tempo está repleta de instantes e de nada. Quanto mais o contato dos nada com o instante se dilata, maior a força de escoamento ou de passagem dos instantes. É preciso da força que vem do interior dos dois nada para que o instante além de ser produzido, possa se dilatar em mais nada e mais instantes. Um depende existencialmente do outro. A sobrevivência dos instantes se dá a partir da absoluta e efetiva ligadura dos dois nada que nunca se dissociam, mas procuram manter-se o tempo todo ativos para que os instantes passem. Se os instantes passam é porque dentro deles há o escoamento da energia vital dos dois nada. Tal instante pode recuar ou regredir com a ajuda do fantasma do nada do passado, como também o instante pode progredir ou avançar com a ajuda do fantasma do nada do futuro. Toda esta dinâmica de relações entre nada e instantes se dá em profundos dilatamentos da interiorização da interioridade de si mesmos. Cabe dizer aqui que toda esta maestria da lógica dos instantes se dá essencialmente e exclusivamente na interioridade deles mesmos., e também na interioridade dos dois nada.

São interioridades modo-temporais dentro de interioridades modo-temporais. O tempo não se abre e se coaduna com o espaço. Não! Isto é uma ilusão provocada por nossos sentidos. O tempo na verdade se interioriza, ele entra cada vez mais dentro de si mesmo, é um dentro dentro de um dentro sendo que quanto mais um instante passa é sinal de que ele está se interiorizando ainda mais. O instante não sai de si e “pula” para o espaço. O instante, ao contrário, sempre estar no estado de entrar para dentro de si mesmo numa profunda introspecção absoluta e aparentemente enlouquecida. Aí podemos falar de uma introspecção



modo-temporal de abstrações. Logo, a lógica dos instantes nada mais é do que *uma introspecção abstrata*. O olhar do instante é sempre para dentro de si mesmo e nunca para fora. A nossa ilusão é nós pensarmos que nós captamos um instante quando fotografamos-o. Esta imagem fotografada do instante não é um instante, ali se distribuem uma organicidade ilimitada de instantes, mas podemos dizer que no interior de uma imagem fotografada se encontram instantes “paralisados” porque a fotografia é uma arte que tem o poder de eternizar os instantes para sempre enquanto a imagem sobreviver à ação do tempo. A ação paralisadora da fotografia chega a paralisar também a ação invisível dos dois nada naquele minucioso instante. É como se nos flashes disparados da câmera contivesse elementos paralisadores que fazem “congelar” o processo de produção modo-temporal dos instantes.

Um instante passa, está passando e, junto a isto, tal instante agora novo e atual absorve as energias passadas e futuras dos instantes anteriores, assim, é criado um novo instante pela energia vitalizante dos últimos dois nada. Estes dois nada fazem é revitalizar a aparição do novo instante. Dentro desta interioridade nova e singular da abstração dos dois nada, passa a ser construída uma imagem espectral do novo instante que ainda irá aparecer. Antes de tal aparição, há a solidificação da imagem espectral do novo instante. Ou seja, os dois nada também dão fisionomia modo-temporal ao instante que irá aparecer. Abstração no interior de abstração, o encontro dos dois nada fazem é formular a partir do germe ou arquivo modo-temporal do instante anterior um nova forma modo-temporal do instante subsequente. O espírito do instante é sempre para frente, salvo os casos em que a consciência humana, única afinal, que tem o poder de voltar no interior dela mesma aos instantes que já passaram. Mas que, na verdade, não são essencialmente instantes, mas largos momentos de instantes. O processo de escoamento modo-temporal dos instantes resumidamente é assim: luz-sombra-luz-sombra-luz-sombra e assim *ad infinitum*. Como dizemos anteriormente, pensamos que Deus tenha criado o instante originário com seu sopro celeste ao criar todas as coisas como o Tempo e o Espaço. Ao criar o Tempo, criou não a totalidade do Grande Tempo, mas com seu sopro um simples instante, deste instante ele apareceu e no momento em que deixou de aparecer porque já completou o seu curso modo-temporal, transformou-se em dois nada, de um lado o nada que é o registro modo-temporal do instante que foi e de outro lado o registro modo-temporal do mesmo instante que será o novo instante. Podemos dizer que a lógica ou o curso modo temporalizante destes instantes pode ser semeado por uma consciência própria do instante. Ou seja, podemos dizer que no interior de cada instante está uma espécie de consciência ou modo de vida consciencial que fazem estes instantes pensar de alguma forma a maneira de passar ou a maneira de constituir uma passagem de seu próprio instante. Neste sentido, o instante teria uma espécie de corpúsculo de consciência minimamente abstrata que tem o intuito de fazer movimentar um instante para outro.

Não seria o caso em dizer que o instante pensa como nós pensamos. Mas, é o fato de que há algo no interior do instante que faz-o pensar e de executar a passagem de instante a instante. Este algo que faz o



instante pensar foi construído originariamente do contato com o reflexo ou espectro ou registro modos-temporais dos dois nada anteriores que levam consigo o arquivo “mental” do instante anterior. Não é que um instante se passa para outro instante. Não! No interior deste vazio ou deste entremeio ou intervalo há aparentemente um pequeno e abstrato abismo e este abismo é preenchido pelo surgimento dos dois nada. Este vazio que se encontra no interior do intervalo entre dois instantes sucessivos é o “local” dos dois nada. É uma ilusão para nós pensar que um instante se gera ou produz outro instante tão somente. Até que isto tem uma meia verdade ou uma falsa verdade. Mas a verdade verdadeira é este pensamento que trazemos aqui: a de que um instante não é um instante e não pode passar ao próximo instante sem o contato do germe ou arquivo do instante anterior o qual se encontra no interior dos dois nada. A anterioridade dos dois nada é decisiva para que o instante novo e atual se desenvolva. Sem esta anterioridade lógica não tem como o instante passar. Dito de outra maneira, é como se ao instante anterior ao instante que será atual há um agora do instante anterior o qual é representado pelo aparecimento dos dois nada. Dito em outras palavras, os dois nada contêm o instante-agora-que-foi-que-será-agora-atual. Há um arquivo do agora do instante anterior que é transpassado aos dois nada sendo que estes dois nada mantêm ou conserva neles o registro da imagem espectral do agora do instante que foi. Agora com este registro em mãos, os dois nada ao absorver a energia vital do reflexo do instante anterior começa a cocriar a nova fisionomia do instante que será agora atual.

Nesta abstração da interioridade da anterioridade do agora do instante anterior, os dois nada ligam ou conectam o corpo-luz do instante anterior ao corpo-luz do instante agora novo e atual porque há um intervalo aparentemente vazio entre os instantes que parecem que estão próximos e sem nenhuma “força” misteriosa que os conduza. Esta “força misteriosa” são os dois nada que não estão visíveis, mas que estão sempre acontecendo. Aparentemente, o intervalo entre nada e instante é vazio, mas isto também é uma ilusão porque logo quando os dois nada começam a entrar em contato com o arquivo “mental” do instante anterior, aquele vazio entre ou o intervalo vazio é iluminado com a luz, mesmo que fantasmática do instante anterior. Ao os dois nada conservar o corpo-luz deste instante conserva dentro dele a misteriosa passagem do instante subsequente que agora irá passar. Tais instantes anteriores o que fazem é iluminar todo o intervalo entre eles e os nada. Porque por natureza os dois nada são obscuros, sem nenhuma claridade e eles instantaneamente logo relampejam e abrem dentro deles um foco de luz logo quando o instante anterior guarda dentro deles o germe ou arquivo que irá desencadear a formação do novo instante agora novo e atual e muito bem iluminado. Repitamos: sempre será assim: luz-sombra-luz-sombra-luz-sombra. A luminosidade de um instante é extraída de seu fundo interior semelhante ao nascimento de qualquer criatura ou coisa no meio terrestre. Aquilo que torna o instante um instante é necessariamente o ponto-luz de seu interior, é de lá que encontramos o fundo de sua “consciência” como se sua luz fosse a “luz de sua consciência”. É necessariamente a luz desta consciência que mantém-no íntegro e conserva a sua passagem



para fora de si mesmo, no espaço. Porém, o movimento que faz do instante um fora de si mesmo não é dado pelo próprio instante, mas pela própria força do espaço que passa a contê-lo. Não há superfície mesmo que abstrata no instante, o que há somente são interioridades, abstrações e interioridades (Hegel, 2016).

Quando mais um instante passa é sinal de que mais ele se interioriza. É na verdade aquela consciência-luz que ao passo que vai criando o seu campo ou espectro de luminosidade, mais faz passar o curso da instantaneidade do instante. O instantâneo do instante é a instantaneidade de sua consciência-luz. Tudo aqui é súbito, instantâneo, infalível. A velocidade com que um instante passa não pode ser mensurado, toda a sua extensão e seu volume dissimétrico temporal são infinitesimais. Infinitesimal atrás de infinitesimal, abstração atrás de abstração, o instante passa. São infinitos instantes dentro de uma síntese infinita de infinitos. No início da formação de um instante, vimos que os dois nada doam de si, ou melhor, da imagem contida no interior deles do instante anterior, a fisionomia do instante agora novo e atual. Sem superfície, sem forma e sem nenhuma estrutura, o instante é cocriado. Toda a sua natureza é abstrata por excelência. Como os instantes trabalham no interior de si mesmos, não pode haver nenhuma força determinante de fora ou externa que faça-os modificar o curso de sua passagem. Isto até que o espaço o absorva e se mescle a *um espaço-instante*. Estando aqui, o instante não deixa de passar, claro, todo aquele processo de abstração em abstração construída pelos nada junto aos instantes de si mesmos não cessa, continuará mesmo quando o espaço passa a absorver dentro dele mesmo o instante. É na passagem do instante ao espaço que este instante começa a adquirir uma forma mais substancial, logo o instante é surpreendido pela modificação ainda abstrata que o espaço faz dele. Aqui, o instante começa a se corporificar, a se transformar de um corpo-luz a um corpo espacializado ou espacial.

Neste instante, o instante adere ao espaço ou é aderido pelo espaço. Dentro do espaço, há uma abertura específica para a “entrada” dos instantes, tal instante começa a se suavizar, a delinear também o espaço à sua volta, chegando a também penetrar nas coisas concretas deste mundo. É neste estado que podemos dizer que o instante finalmente *tomou uma forma*, mas somente no contato com a espacialidade. Tal abertura que o espaço oferece ao instante é própria da natureza de Deus, porque a tudo ele fez com perfeição. Deva existir algo no espaço o qual provoca a abertura deste “campo” por onde há de penetrar o instante e se tornar um corpo instantâneo espacial. Dentro agora do espaço, tal espaço não interrompe, nem há de interromper o curso da instantaneidade do instante. O caso importante em si é que agora o instante começa a escoar não apenas dentro de si mesmo, mas para fora de si mesmo, levando também para o externo toda a sua potência de passar. Porém, o ato originário e fundante do instante vem de seu interior, daquela luz de consciência a qual faz do instante um instante, o que torna-a uma efetiva passagem. A passagem do instante para o espaço, o seu ato de passar ou fazer passar o instante também muda, porque agora, no interior do espaço, o instante faz passar figurativamente, ou seja, o instante passa a se tornar uma “criatura” como uma outra coisa qualquer constituída no espaço. Um espaço-instante afigurado, criaturizado. Não que com



isto o espaço passa a dominar ou a mover a criatura do instante, não! O instante tem uma força própria poderosa que, como vimos, ele mesmo com a força dos dois nada movimenta-se por conta própria. Agora, o extracorpóreo do instante é o espaço e o intracorpóreo do instante é o seu corpo-luz.

Na dinâmica movente do instante que faz passar o tempo, o espaço colhe desta passagem as “figuras” que são lançadas na interioridade do espaço e em cada movimento ou ato que faz o instante passar, o espaço ao mesmo tempo figurativiza cada instantâneo de cada instante. Então, sendo assim, o instantâneo adquire uma forma abstrata preservando o brilho de sua passagem instantânea. Esta atual forma inicial se dá no contato do espaço com o instante. Tanto o instante toca o espaço quanto o espaço toca o instante, os dois atos sendo executados ao mesmo tempo. Nenhum tem a supremacia sobre o outro. Os dois são filhos do Cosmos, logo têm a mesma importância. A união do instante ao espaço ou vice-versa gera as infinitas formas do escoamento do tempo. No interior de cada escoamento de um tempo singular hão de existir ilimitados instantes. É como se o espaço “fortificasse” a instantaneidade do instante, ou melhor, como se gerasse dentro de si uma força extra para que o interior do instante rompa sua camada interior de profundas abstrações fazendo com que tais abstrações modo-temporais passem a escoar para fora dele. Logo, a abstração do interior do instante passa a interiorizar não apenas suas próprias abstrações no interior dele mesmo como uma espécie de *abstração reflexionante*, mas passa agora a contornar ou levar para fora de si tais abstrações a fim de sofrerem o contato com o espaço. Tal instantaneidade do instante faz do espaço também um espaço instantâneo. Logo, é o tempo do instante que torna a existência do espaço instantânea.

Do contato com os dois nada se vem o instante e no brilho de luz do ponto-luz no interior do instante se vem a imagem corporificada ou o corpo-luz do instante. Após isto, o instante portando dentro de si a imagem do instante anterior ou ao menos uma porção ou parcela dele, o espírito do instante faz mover para frente o curso da instantaneidade. Esta instantaneidade agora mais firme e mais robusta apesar de abstrata passa a tocar a atmosfera da espacialidade que do fundo de seu interior algo abre uma passagem, oferece uma abertura para este curso da instantaneidade do instante passar. Passando, agora no interior do espaço, o instante ganha uma forma um pouco menos abstrata, mas que se configura como abstrações de si mesma e tocando a superfície abstrata por excelência do espaço forma uma cadeia ou síntese ativa da comunhão entre instante e espaço. Agora, tal instante está espacializado, se forma à primeira vista um instante-espaço, ou melhor, um corpo espacial do instante. Aquelas abstrações no interior do ponto originário do instante antes do toque no espaço continua o seu processo recorrente de produção instantânea de puras abstrações, mas, neste caso, com a conservação ou reflexo do arquivo ou registro dos dois nada que estão apreendidos nele o instante anterior, ou seja, a imagem de seu *fantasma-instante*. Porém, ao tocar a camada invisível da espacialidade, as abstrações que eram essencialmente interiores e que se interiorizavam tão somente, agora passa a ocorrer abstrações de dentro para fora porque o espaço de alguma forma “contaminou” tais abstrações interiorizadas do instante.



Neste sentido, o espaço promove ao instante ou ao seu instantâneo uma espécie de materialização abstrata de cujos *morphos* ou formas figurativizam a instantaneidade do instante. Logo, tal instante agora no espaço continua a passar mesmo invisivelmente, porém com um envoltório abstrato de cuja formação “materializada” poderá agora o instante contornar as coisas que são um pouco mais concretas. Não é que a superfície do instante toca a superfície do espaço, não! Nenhuma destas instâncias são decididamente materiais. O caso é que o ponto-luz ou o corpo-luz abstratos por excelência do instante penetra de modo abstrativo o corpo-luz do espaço, provocando assim uma simbiose, uma união de abstrações, neste caso, modo-temporal - o instante e modo-espacial - o espaço. O entrecruzamento destas duas abstrações é algo natural e muito recorrente na natureza, pois é quando o tempo toma o espaço e o espaço toma o tempo, ao mesmo tempo. É por isso que podemos falar de coisas, situações *espaço-temporalmente* ou *têmporo-espacialmente*. Frisamos mais uma vez, não é o tempo que toca ou se introjeta ao espaço, mas a mínima partícula do tempo que é o instante que é responsável por esta ruptura, por esta passagem. A passagem instantânea do instante na passagem para o espaço se dá na mesma e única passagem. Não há formação de múltiplas passagens, mas uma única é capaz de abstrair de si sua interioridade modo-temporal e aterrisar no entorno espacial.

A passagem originária entre dois nada e instante e instante e dois nada não cessa quando passa para o entorno espacial, afinal, o tempo nunca morre, nunca morrerá. O espaço aparece como uma dispersão de instantes, bem como dispersão de pequenos espaços. É como se cada instante ou cada protótipo de instante se conectasse invisivelmente com uma forma também invisível do espaço. A força com que isto acontece passa a romper a “barreira” do espaço abrindo passagem ao curso da instantaneidade de um único instante. Tal instante formado partindo-se dos dois nada que estão suspensos entre ele, a abertura do espaço é convidativa de modo que o instante não deixa apenas de brilhar interiormente com seu corpo-luz, mas passa a também iluminar pequenos espaços do entorno espacial. O caso é que cada partícula do espaço é introjetada à cada partícula do instante, os dois formam um corpo-luz iluminado espaço-temporalmente. O contato entre eles ainda gera desta luminosidade instantânea *uma singularidade* ou *um fio singular* o qual carrega interiormente e ao mesmo tempo as abstrações espaço-temporais. Depois, se vem um outro instante formado dos últimos dois nada e aí tudo começa novamente, ou melhor, continua novamente. O contínuo de um único instante é abrir passagem para um novo e atual contínuo de outros instantes. Nunca um instante será idêntico a outro, assim como cada ser humano ou cada ser na Terra não é idêntico ao outro. Cada instante em si captura a singularidade de cada coisa do mundo, seja ela abstrata ou concreta. Acontece que o núcleo do instante carrega já uma espécie de singularidade e esta singularidade se coaduna ou se liga à singularidade das coisas do meio terrestre. É como se o instante já carregasse dentro de si todos os elementos de singularidade necessários para *singularizar* a coisa que é apreendida pelo instante. O caminho que levará isto é o brilho da efetiva existência de uma coisa.



Se uma coisa no mundo tem o seu brilho, boa parte deste abrilhantamento é devido ao introjetamento da singularidade do instante no interior da camada subterrânea da coisa. O instante, ao introjetar uma coisa, doa de si o *animus* ou a animosidade (Aristóteles, 2011) necessária para que aquela coisa passe a acontecer no mundo de relações espaciais. Ao o espaço doar o seu espaço ao instante, o instante de uma certa forma adquire uma liberdade existencial para penetrar a tudo que queira penetrar. Poderíamos dizer que o sentimento ou a sensação do instante é apenas o de passar e, nesta passagem, ele deixa na superfície abstrata do espaço suas singularidades modo-temporais. Há digamos uma suavidade, uma leveza, um abismo da leveza no interior de cada instante que decide se projetar para fora de si mesmo, nas coisas terrenas. O instante nunca deixará de se interiorizar porque a sua interioridade é absoluta, mas há momentos neste processo modo-temporal que não deixando jamais de se interiorizar e continuando o seu caminho de abstração atrás de abstração, em algum momento o instante se externaliza, “pula para fora”, para tocar primeiramente a superfície abstrata do espaço e secundamente as coisas menos abstratas, como os elementos materiais. Podemos falar até de um duplo do instante, de sua dupla existência, a interior, sua fonte originária, e a exterior, sua abertura ao mundo.

É a própria abstração do interior do instante que cria força para prolongar a sua existência e passar a existir para fora. Há uma força poderosa interior intensificada por cada passagem dos dois nada que trabalham no caminho de cocriar os elementos primários ou os germes para que o instante possa brotar e ganhar vida. Esta força interior é o começo da criação de intensificação de forças, de uma camada grande de energia vital a qual recebe tantos impulsos criativos dos dois nada, no interior do recuo e do avanço, que passam a romper sua própria camada subterrânea interior e chegam metaforicamente falando a explodir, a disseminar no interior de todo o espaço focos de luminosidade de instantaneidade de instantes. Há, portanto, uma energia condensada que prolongando a sua existência naquele interior de energias latentes, estas energias passam a se ampliar tanto que passa a ocorrer uma explosão de constituintes modo-temporais de instantes. Como dizemos, este processo de produção de instantes é ininterrupto e indestrutível, não há nenhuma força no Universo que possa destruir este nível de abstração da interioridade dos instantes. Mas, o que nos assusta é que, por natureza, há um equilíbrio intrínseco nesta conjuntura de energias condensadas o que acaba tornando difícil um instante se projetar sem haver necessidade. Assim como tudo na existência é perfeito, a lógica dos instantes não passaria distante disto. Há uma perfeita maquinagem, uma perfeita arquitetura e sintonia abstratas entre instantes, instantâneos e nada. Estando o instante suspenso entre dois nada, há neste intervalo um instantâneo de si mesmo, ou melhor, há uma instantaneidade fixa, absoluta e imutável tanto no intervalo entre os dois nada quanto nos dois intervalos entre o nada anterior e o instante, o seu lado direito e o nada posterior e o instante, o seu lado esquerdo.

Para usar uma metáfora do corpo humano, o funcionamento da lógica dos instantes se assemelha ao funcionamento do coração humano. O próprio coração ou o seu centro é o instante que pelo bombeamento



do sangue, que é uma energia vital, mantém o organismo vivo e atuante, enquanto que as válvulas esquerda e direita são os dois nada as quais constituem a entrada e saída, ou seja, o curso ou fluxo de energia vital que é dissipada por todo o corpo. Este envoltório do nosso corpo seria o invólucro do instante ao se predispor a manter contato com o espaço, criando uma forma, neste caso, abstrata para o instante. Se o corpo humano está no espaço, assim também o instante passa a se encontrar no espaço porque os instantes que se dão no fluxo de energia ou de sangue promovem a saúde e ao mesmo tempo a abertura do corpo humano para se relacionar com o entorno espacial. Deste modo, o corpo humano pode movimentar uma perna e logo pertencer à superfície concreta do espaço, assim como os instantes são os que permitem tal ato porque a instantaneidade deste ato está repleta de instantes que vem e vão, que saem de dentro e vão para fora. Logo, o movimento da perna obedece primariamente o curso dos instantes. O fluxo dos instantes é o que permite a execução deste ato antes mesmo do corpo humano decidir articulá-lo. Logo, o instante ou os instantes é o ponto originário de todo movimento abstrato ou concreto porque o próprio instante é feito de puro movimento e o movimento anterior a tudo é o ato do instante.

O interior da interioridade de um instante é feita somente de abstrações e todas elas infinitas. O alimento de cada instante é a intensificação de energia vitalizadora no interior de cada abstração. De uma abstração à outra, tal energia vai se ampliando como a imagem de um cogumelo de fumaça após a explosão de uma bomba. Logo, aquilo que dá sustentação e movimento é a intensificação desta energia. Como dizemos, no ponto originário de onde surgem os instantes não há forma, todo o elemento do instante é abstrato por excelência. Por isso que os instantes são constituídos de interioridades dentro de mais interioridades. Nunca uma forma, nem um conteúdo, mas uma interioridade. O instante não possuindo forma alguma, aquilo que o mantém vivo é *o estar suspenso entre dois nada*. É como se cada um deste nada mantivesse o instante suspenso por meio de correntes abstratas (perdoe-me a metáfora). Assim, é possível dizer que o instante não estar solto, embora a sua existência seja absolutamente solitária porque não adianta contar com os dois nada porque eles são essencialmente apenas nada. Podemos dizer que cada um deste nada é apenas uma presença abstrata que, em essência, não é uma presença. Seria uma presença não-presente. Uma presença que é presença porque estar presente, mas essencialmente não estar. É como se os dois nada fossem uma pura contemplação, nem uma presença, mas uma contemplação. E para contemplar não precisa estar necessariamente presente. É um tipo de contemplação que contempla o instante, mas, em essência, é um nada, uma nada-contemplativo. O nada contempla o instante, mas a sua existência não existe. Poderíamos dizer então que os dois nada são inexistentes, mas, ainda assim, contemplativos. “Contemplar” não quer dizer “existir”, mas de estar em vigília, mesmo não estando presente. Os dois nada então seriam dois ausentes contemplativos, uma ausência efetivamente ausente, mas que contempla.



Tal ausência dos dois nadas é necessária para que no contato do ausente com o presente do instante, este instante possa ser cocriado. Os dois nadas são ausentes porque, como vimos, eles são duas sombras, duas sombras que carregam dentro de si a imagem espectral do instante anterior que, pela via dos dois nadas os quais guardam a imagem idêntica do instante anterior, possa abrir passagem para que o instante novo e atual possa passar. Durante esta primeira passagem da imagem do instante anterior carregada pelos dois nadas para o instante atual, há uma interiorização da interioridade do instante anterior (trabalho feito abstratamente pelos dois nadas) que com a ausência presente da imagem espectral do instante anterior possa ser cocriada a presença abstrata do instante atual. No interior deste intervalo de passagem, a imagem espectral do instante anterior doa de si tanto as sombras do passado do primeiro nada quanto as sombras do futuro do segundo nada. Por isso que, agora, no interior do atual instante, ele passa a constituir o registro da conservação do instante anterior. O contato com estas duas sombras com o ponto-luz do instante atual gera o germe de vivacidade instantânea do instante atual. Logo, a vida vivificante deste novo instante é o resultado do ponto-luz enevado das duas sombras ou dos dois nadas. Doando de si esta imagem espectral do ponto-luz das duas sombras se cria o germe da consciência do ponto-luz do instante novo e atual.

Deste instante atual continua novamente o mesmo processo, mas lembrando que no interior de cada novo instante é cocriada uma singularidade, logo, nenhum instante é igual ao outro porque o arquivo do instante anterior doou de si a continuidade dos instantes anteriores que estão carregados dentro dele e, na coesão de singularidades diferentes, se cria uma nova e única singularidade. Quando os dois nadas fazem o trabalho abstrato de ligadura entre instantes, com a nova singularidade cocriada, se cria também desta massa singular, o corpo-luz do instante atual. Este corpo-luz do instante atual é o resultado da ligadura sombria entre os dois nadas que, doando a imagem espectral do instante anterior, acaba por criar do interior do campo sombrio dos dois nadas o ponto-luz vivificante e vivificador do agora novo e atual instante. É como se no interior de cada intervalo entre dois nadas com a fusão deles provocando o despertar da imagem espectral do instante anterior já contivesse uma parca luminosidade do registro dos instantes ainda mais anteriores a este instante anterior. É como se com o contínuo e avanço destes dois nadas, eles viessem trazendo dentro deles os focos de luminosidade dos restos das imagens espectrais dos instantes bem anteriores. Com isto, vai se criando uma continuidade de luminosidade sempre recorrente que chega a ser absoluta. Ela de verdade é absoluta porque é o absoluto ou a permanência absoluta do foco de luz da porção de instantes que fica para trás que promove o despertar dos instantes posteriores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto os dois nadas *redespertam* ou *ressuscitam* a parte morta das sombras dos instantes anteriores, estes mesmos dois nadas, durante a continuidade prospectiva, *despertam* ou tornam sobressalentes os instantes que serão atuais. Num contínuo despertar e redespertar, os instantes serão



cocriados eternamente. Com os contínuos dos nadas os quais produzem os contínuos dos instantes, a pura instantaneidade é despertada, convocada a pertencer à unidade da existência. Já na existência real e efetiva, a instantaneidade passa a transcorrer sujeita ao curso instantâneo dos instantes. Instante e existência se entrelaçam para, por fim, temporalizar os instantes que são eles próprios o alimento de toda a existência. Não há uma só existência sem a existência de instantes. Este seria o nosso pensamento sobre o “abismo do instante”!

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Da alma**. São Paulo: Edipro, 2011.
- BACHELARD, G. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2010.
- BOEHME, J. **Os três princípios da essência divina**. São Paulo: Polar, 2003.
- DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- HUSSERL, E. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. São Paulo: Via Verita, 2017.
- HEGEL, G. **Ciência da lógica: a doutrina do ser**. São Paulo: Editora Vozes, 2016.
- SARTRE, J-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.